

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*. São Paulo: FAPESP/ Editora da Universidade de São Paulo, 2015. 288 pp.

Mariana Ramos Morais
(PUC-MG)

O livro de Fernanda Arêas Peixoto apresenta, desde o título, um convite, ou melhor, um chamado que evoca, ao mesmo tempo em que sintetiza, um dos pressupostos que embasam o fazer antropológico: *A viagem como vocação*. A noção de viagem, no caso, não está circunscrita a definições estritas. Pelo contrário. Tem seu sentido ampliado, remetendo ao Romantismo, pois congrega conhecimento e escrita e reveste-se de um caráter iniciático. Ou, como quer a autora, a viagem é “entendida como aventura do corpo e do espírito, peregrinação renovadora e busca de fontes para a criação culta” (Peixoto 2015: 12). A viagem – que não se ancora, assim, em classificações unívocas – se faz plural no conjunto de textos que se congregam na composição do livro, fruto de reflexões acerca de *Itinerários, parcerias e formas de conhecimento*, tal como enunciado no subtítulo.

É de viagens que se trata esse livro de traço ensaístico. São viagens empreendidas, entre as décadas de 1930 e 1960, por antropólogos, sociólogos e/ou historiadores que, em comum, mantêm uma articulação íntima entre a expressão escrita e a imagética, embora sejam variados seus pertencimentos nacionais e geracionais. Essas viagens são qualificadas por Fernanda Arêas Peixoto como: de estudo, pesquisa e formação; de passeio e turismo; de descoberta e/ou reconhecimento; livrescas e de expedições científicas; exteriores, quando o deslocamento é espacial, e interiores, quando modificadoras do *self* (:12). Mesmo com a pretensão de pensar sobre a viagem e seus modelos, a autora esclarece não ser seu objetivo primeiro produzir uma teorização mais geral sobre o tema. Almeja ela, contudo, rever certos autores tendo como guia algumas viagens que realizaram em contextos específicos.

A autora acompanha essas viagens por meio dos registros produzidos pelos viajantes-autores (ou autores-viajantes) – ensaios, textos jornalísticos, desenhos, fotografias, artigos acadêmicos, relatos. Com base nesses

registros, ela levanta questões sobre a economia das viagens e sobre a sua relação com a imaginação criadora. E pensa sobre os vínculos entre os regimes de deslocamento e a formação de saberes acerca de sociedades, nações, política, artes. Assim, busca uma aproximação de itinerários e autores com vistas a observar dimensões ausentes nos recortes mais canônicos, evidenciando a maneira pela qual a experiência de um sujeito pode ajudar a deslocar e a iluminar a de outrem (: 13).

A viagem é grafada, dessa forma, no singular, indicando ser ela um operador reflexivo e narrativo, tal como propõe a autora, se apoiando em François Hartog. De modo que, se o livro em questão trata de viagens, ele não é sobre a viagem de maneira estrita, uma vez que é “construído a partir dela, pensando com ela, e com alguns viajantes, problemas que dizem respeito à antropologia e à história, consideradas como ‘operações’ nos termos de Michel de Certeau, gestos que engendram ideias, constituem lugares sociais e ‘instauram uma topografia de interesses’” (: 23).

É na confluência desses dois campos disciplinares – quais sejam, a antropologia e a história – e em diálogo com as artes e com a literatura que se localiza a reflexão proposta, amparada por dois eixos principais: a relação entre viagem e memória e a questão da construção de pontos de vista influenciados diretamente pelas experiências de deslocamento. Experiências vividas e também sonhadas, projetadas, no âmbito do eu, que reverbera no coletivo, que, por sua vez, redefine o que parecia ser individual. Assim, no traçado que Fernanda Arêas Peixoto desenha ao analisar as viagens, ela inclui não apenas os contextos sociais em que ocorreram como enfatiza as parcerias afetivas dos e entre os autores escolhidos. Seria a amizade uma das fontes para a formação sentimental e intelectual daquele que, ao viajar, lê e escreve, reescreve; vê e revê: operações indissociáveis na construção do conhecimento.

Operações essas que a própria autora executou na confecção de seu livro, composto por textos já expostos a leitores e também ouvintes, evidenciando a maneira como a autorreflexão é intrínseca à atividade intelectual. Tratam-se de textos concebidos como parte de uma mesma investigação no decorrer de mais de uma década, que seguem o lastro deixado pelos trabalhos realizados em seu período de formação como pesquisadora – considerando-se aqui suas pesquisas de mestrado e doutorado –, e revisitados na elaboração de sua tese de livre-docência. A escolha de Roger Bastide, Gilberto Freyre e Michel Leiris como os autores-chave para sua reflexão sobre “a viagem como vocação” condiz, de certo modo, com sua trajetória de pesquisa, ainda que no livro aqui focalizado Fernanda Arêas Peixoto elenque outras motivações.

Primeiramente, o interesse dela por esses autores estaria no modo como eles dialogam com as artes em suas interpretações. E, para além disso, ela destaca a maneira como eles interpelam criticamente um certo projeto de modernidade tal como posto na primeira metade do século XX. “O amplo leque temático que seus escritos descortinam, que percorrem formas materiais (o corpo, a casa e a cidade) e imateriais (o misticismo, o imaginário, o sonho e a psique) da existência”, pensando-as articuladamente (: 26), seria a base para a construção das ideias desses autores, tal como demonstra a autora em suas análises ao longo dos seis capítulos que dão forma ao livro.

Cada capítulo tem uma relativa autonomia com relação aos demais, como indica Fernanda Arêas Peixoto no texto intitulado *Plano*, que introduz sua abordagem, apresentando um mapa de questões que orientam a leitura, bem como uma reflexão sobre o percurso realizado. O *Plano* percorre, assim, o conjunto das análises, sendo ponto de partida e de chegada, harmonizando os textos que, numa primeira mirada, podem parecer desconectados. Não somente o *Plano* tem essa função, como também outros dois textos – *Primeira Pausa* e *Segunda Pausa* – incluídos ao final de cada uma das duas partes em que se encontram reunidos os capítulos. Esses dois textos são como grandes respiros, não pela extensão de suas linhas, mas por condensarem os argumentos que fazem das partes unidade, ainda que respeitadas suas especificidades.

Em *Roger Bastide e as cidades: dois ângulos e uma perspectiva*, o capítulo que abre a primeira parte do livro, dedicada às *Cartografias e miradas*, a autora apresenta o olhar de Roger Bastide sobre o urbano. Trata-se de um olhar nem sempre contemplado nas análises sobre os escritos do autor, seja no Brasil ou na França, que mormente focam os temas que são mais caros ao sociólogo francês: as religiões, em especial as afro-brasileiras, e a crítica literária. Analisando artigos de ocasião, publicados em jornais e revistas nas décadas de 1940 e 1950, a autora aponta as impressões de Bastide sobre uma São Paulo que vivencia cotidianamente os reflexos do desenvolvimento econômico e industrial na sua paisagem urbana.

De São Paulo – onde aporta em 1938 para assumir a cadeira de sociologia deixada por Lévi-Strauss na USP –, Bastide rememora seus tempos de infância no país natal como também dá continuidade às suas reflexões sobre o encontro de culturas, tema que o acompanhará mesmo após 1954, quando retorna definitivamente para a França. Bastide, nos primeiros anos de sua estada no Brasil, viaja não apenas pelas ruas de São Paulo como também pelos livros que abordam a realidade social brasileira, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, que será traduzido por ele para o francês. As artes e a literatura também são caminhos escolhidos por Bastide para conhecer e interpretar o Brasil e, nesse sentido, o barroco ocupa um lugar central.

Como bem coloca Fernanda Arêas Peixoto, para Bastide o barroco “não é somente um estilo arquitetônico, capaz de oferecer soluções formais e/ou ornamentais, mas é também um estilo de vida e sensibilidade que mobiliza os domínios do inconsciente, atijando a imaginação onírica e os percursos dionisíacos da liberdade criadora” (: 42). Em Bastide, sugere a autora, a noção de barroco opera simultaneamente como objeto de análise e como instrumento de reflexão. É, assim, a partir de uma perspectiva barroca, que Bastide irá olhar as cidades, não apenas São Paulo como também Salvador e Recife, e o candomblé, tal como exposto no segundo capítulo do livro, *O candomblé barroco* de Roger Bastide.

Depois de dois capítulos dedicados às viagens de Roger Bastide pelo Brasil, Fernanda Arêas Peixoto se volta para as viagens empreendidas por Gilberto Freyre ou para as suas “miradas sobre a América Hispânica”, seguindo o título do terceiro capítulo. A autora demonstra como foi construída a colaboração estreita desse outro intérprete do Brasil com desenhistas com os quais conviveu e que contribuíram para a construção de suas reflexões e também para a tradução de suas ideias. A amizade estabelecida com

representantes do meio intelectual e artístico de sua época ganha relevo na análise da autora, que destaca a relação entre Freyre e Oliveira Lima, diplomata e historiador apontado como um dos seus mestres, ao lado de Franz Boas.

O tema da amizade começa, assim, a entremear as análises apresentadas por Fernanda Arêas Peixoto, em especial nos capítulos que compõem a segunda parte do livro, *Roteiros Africanos*. Já no capítulo que inaugura as reflexões sobre as viagens que seus personagens-autores realizam na África, *Bastide e Verger entre Áfricas e Brasis*, a amizade entre esses dois franceses que estabeleceram relações de afeto com o Brasil é narrada à medida que a autora descreve seus percursos pela Nigéria e pelo Benin. Estavam eles, Pierre Verger e Roger Bastide, durante seu périplo africano em 1958, em busca do Brasil na África. Mas a autora também viaja com Verger e Bastide no Brasil africano que os dois constroem a partir das experiências místicas vividas e observadas por eles, especialmente no candomblé, quando circulam pelo Nordeste brasileiro.

A amizade de Verger e Bastide transborda em seus trabalhos, sendo um colaborador do outro. Os dois mantêm relações com Gilberto Freyre, que, nos anos 1950, também esteve na África. Porém, diferentemente de Verger e Bastide, que seguiam as rotas dos escravos transladados principalmente do Golfo da Guiné para o Brasil, Freyre seguia a rota estabelecida pela metrópole portuguesa na África, chegando até mesmo a outro continente, a Ásia, em Goa. A sua maneira, Freyre também vê o Brasil na África, buscando criar fundamentos para suas teses sobre a conversão da cultura luso-brasileira em lusotropical (: 199), como exposto no capítulo *Viagem, meditação e memória*.

Antes mesmo dos périplos de Verger e Bastide pela África e também de Freyre, Michel Leiris, autor-viajante focalizado no capítulo *O olho do etnógrafo*, já ensaiava sua visita ao continente africano e por ele circulava junto aos integrantes da Missão Etnográfica e Linguística Dacar-Djibouti (1931-1933). O título do último capítulo é uma tradução para o português do título que nomeia o artigo em francês assinado por Michel Leiris e publicado em dezembro de 1930 na revista *Documents, L'oeil de l'ethnologue (à propôs de la Mission Dakar-Djibouti)*. Esse texto é informado pela experiência etnográfica que se anuncia, uma vez que anterior à partida de Leiris para a África (: 214). No entanto, está ancorado na experiência de vida do autor, mostrando como os relatos e escritos de viagem são parte das “artes da memória” (: 246), iluminando não apenas as reflexões em geral apresentadas ao longo do livro com e a partir das viagens, como o argumento – e, quiçá, o olhar – da própria autora.

As linhas de *A viagem como vocação* são inspiradoras, como deixa transparecer o posfácio assinado por Leopoldo Waizbort, um outro convite a continuar a embarcar nas viagens alheias, que também se tornam nossas, quando animam a construção do conhecimento.

Recebido: 03/03/2017
Aprovado: 12/05/2017

Mariana Ramos de Moraes é doutora em Ciências Sociais pela PUC Minas e professora de Antropologia na mesma instituição.